Marcelo quer economia a crescer

EVA CABRAL

O Presidente da República começou a dar sinais claros de que está preocupado com a situação económica do País.

Marcelo Rebelo de Sousa decidiu ouvir os partidos e os parceiros sociais para tomar o pulso à temperatura política que sempre considerou que sobe de tom em Julho. E com o mês de Julho a terminar, Marcelo reiterou aos portugueses: "Gosta tenere ouvido aquilo que disseram os partidos e os parceiros sociais à saída das audiências: para tenere percebido que não há crise política, e não vai haver crise política".

Mas o PR está visivelmente preocupado com o que se está a passar a nível do crescimento económico. E ao começo a semana passada e retor em diploma do governo sobre os estatutos da Sociedade de Transportes Públicos do Porto (STCP) e do Metro do Porto, aprovetou para fazer uma declaração ao País em que, a propósito da não aplicação de sanções por parte da Comissão Europeia, foi muito duro – deixando um pesado caderno de encargos ao Executivo de Costa.

Para Marcelo, estirem quatro desafios que o Governo tem pela frente, depois da vitória em matéria de cargões: "a necessidade de mais investimento", a importância do reforço do sistema financeiro, a urgência de que os fundos europeus sejam aplicados "depressa e bem" e o compromisso de que as novas metas estabelecidas por Bruxelas "continuem em condições de ser cumpridas, em 2016 como em 2017".

Marcelo quis afastar o risco de uma crise política aquando do Orçamento para 2017 e demarcou-se querer fazer tudo o que lhe é possível para o evitar.

Mas de lado da economia os equilíbrios da 'geringonça' para se manter no poder levam a que Costa tenha de fazer cedências gigantescas aos seus parceiros mais à esquerda. Cedências que deterioram o clima propício à economia e à boa governação.

Ao falar da necessidade de mais investimento, o Presidente da República está a referir-se ao ambiente para a concentração de negócios, que vai a degradar-se com o Executivo de Costa. Desde logo, pelo facto de este não honrar os compromissos tomados por Executivos anteriores.

O caso dos STCP

O caso dos STCP vale pelo simbolismo que tem. Com o veto, Marcelo explica que o diploma socialista era "politicamente excessivo e contraditório com os objectivos assumidos no quadro da governação na função". Mais: "O regime em apreço, ao vedar, tendencialmente, qualquer participação de entidades privadas, representa uma politicamente excessiva intervenção da Assembleia da República num espaço de decisão concreta da Administração Pública – em particular do Poder Local –, condicionando, de forma drástica, a futura opção do Governo, em termos não conformes com a propriedade por ele enunciada, e, sobretudo, a escolha das autarquias locais, que o Governo se comprometeu a respeitar no domínio em questão", justifica.

Recorde-se que o Executivo PSD/CDS-PP tinha organizado um concurso tendo em vista a concessão dos STCP a privados, considerando ser esta a única solução para a empresa. Os vencedores dos concursos, naturalmente, sentem-se lesados com a reversão feita pelo actual Governo. Criou-se um clima de insegurança em matéria de investimentos, e várias entidades fizeram protestos.

A análise da Moody's

O segundo aviso deixado por Marcelo – a importância do reforço do sistema financeiro – é dos mais preocupantes. Basta ver as dificuldades com a venda do Novo Banco e com a situação em torno da recapitalização da CGD.

Na última semana, a Moody's fez uma análise assustadora ao considerar que "a fragilidade bancos portugueses, com elevados níveis de activos problemáticos nos seus balanços, é uma das principais causas do fraco crescimento económico Portugal". "Colectivamente, os bancos portugueses estão entre os menos capitalizados da Zona Euro e não vemos espaço para grandes melhorias nos próximos 12 a 18 meses", diz a agência de notação financeira, num relatório sobre o sector bancário em que refere que, apesar da ligeira melhoria na rentabilidade das instituições em Portugal, esta ainda permanece um desafio, agravado pela contenda de menores receitas devido à queda dos tasos de juro e dos ganhos em operações financeiras.

Mas a Moody's chama ainda a atenção para os riscos com os activos problemáticos – nomeadamente o crédito malparado – que ala ainda "exato elevados" nos bancos portugueses. Para a agência de notação, "os problemas estruturais no sector bancário são um dos principais factores para as moderadas perspectivas de crescimento" em Portugal, já que com tantos activos problemáticos no balanço os bancos são "amportarito para uma desalavancagem agressiva do sector corporate[sic] pelo que as empresas não conseguem financiamento para investir, penalizando fortemente a economia.

O Presidente da República tem várias razões de preocupação, e o atraso com que o dossier da CGD tem sido gerido tem agravado a situação.

Novo Banco e CGD

A venda do Novo Banco e a capitalização do banco público CGD que está a ser negociada entre as autoridades portuguesas e europeias são dois dossiers que preocupam muito Marcelo Rebelo de Sousa, que já chegou a afirmar que a nova administração da Caixa estaria na brinceira de entrar em funções quando agora o Governo está a pedir a José de Matos que mantenha a sua equipa ainda durante o mês de Agosto.

Na avaliação da Moody's, "a incapacidade para recapitalizar suficientemente a CGD não só coloca a solvabilidade do banco em risco, como pode afectar a estabilidade de todo o sistema bancário português, dada a sua posição preeminente no mercado" (a quota de mercado da Caixa era de 29% nos depósitos e 22% nos empréstimos no final de Março).

Se a recapitalização da CGD é uma inevitabilidade, o Estado português terá sempre que se endividar nos mercados para obter a quantia que vier a ser necessária, sendo certo que Bruxelas já advertiu que estes montantes não serão contabilizados a nível do défice, antes vão passar em directo para a Dívida Pública. A Dívida está a aumentar, com a agravante de os lucros de juro pagos por Portugal estarem em vias de crescimento quando comparados, por exemplo, com os da vizinha Espanha.

Num último alerta, a Moody's diz que "há a forte possibilidade de uma erosão do capital da CGD nos próximos meses" se o banco continuar a apresentar prejuízos.

Fundos europeus

O terceiro ponto de Marcelo ao Executivo de Costa é que os fundos europeus sejam aplicados "depressa e bem". Este desafio tem como pano de fundo o facto de o Governo, para assegurar resultados das Finanças Públicas no primeiro semestre compatíveis com as exigências de Bruxelas, estar a reduzir o investimento público, o que prejudica a aplicação dos fundos que exigem sempre uma comparticipação nacional. Daí o apelo do Presidente de que os fundos cheguem rapidamente à economia para reactivar o crescimento.

Para ter bons números para apresentar em Bruxelas referentes ao primeiro semestre, o Executivo optou igualmente por atrasar pagamentos a fornecedores, designadamente em relação aos gastos dos hospitais. Este tipo de mecanismos acaba por criar uma bola de neve que prejudica o crescimento da economia, pois quem não recebe e que já forneceu terá dificuldade em encomendar mais.

Por fim, o PR refere o compromisso de que as novas metas estabelecidas por Bruxelas "continuem em condições de ser cumpridas, em 2016 como em 2017". E Marcelo tem todo o razão em pôr este como o último ponto do seu caderno de encargos ao Executivo de Costa.

A agência de 'rating' DBRS está preocupada com o risco de derrotas na execução orçamental neste ano – e que chama 'possíveis previsões orçamentais'. Recorde-se que esta agência tem o único 'rating' acima de lixo para Portugal, e garante que há 'sempre' cuidadosamente a resposta do Governo na correcção do défice excessivo deste ano'. Acrescenta, contudo, que o cenário mais negativo de todos seria "um conflito com a Comissão Europeia", o que foi para já ultrapassado.

Apesar disso, a DBRS avisa que "uma suspensão parcial dos fundos comunitários continua a ser uma possibilidade para 2017, especialmente se não houver compromisso do Pacto de Estabilidade e Crescimento".

TWITTER FACEBOOK GOOGLE+

PREVIOUS ARTICLE
Os tentáculos do comunismo internacional – hoje como ontem

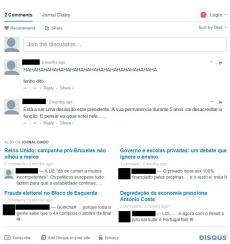
NEXT ARTICLE
Uma geringonça sem estrutura

Jornal O DIABO

SIMILAR ARTICLES

Brexit: Sair, sim, e quanto mais cedo melhor

Quando Costa só queria alterações fiscais uma vez por legislatura...



2 Comments Jornal Diabo Login
Recommend Share Sort by Best
Join the discussion...
hahahah